

Universidade de São Paulo,
São Paulo, Brasil.

Mestre em Antropologia Social,
Universidade de São Paulo,
São Paulo, Brasil.

HEITOR FRÚGOLI JR.
BIANCA BARBOSA CHIZZOLINI

RELAÇÕES ENTRE ETNOGRAFIA FACE A FACE E IMAGENS DO GOOGLE STREET VIEW: UMA PESQUISA SOBRE USUÁRIOS DE CRACK NAS RUAS DO CENTRO DE SÃO PAULO¹

RESUMO

palavras-chave

Territorialidades itinerantes; Práticas
espaciais; Paisagens urbanas;
Etnografia; *Google Street View*.

O ponto de partida do presente artigo foi um trabalho de campo realizado por integrantes do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC-USP), no qual foram investigadas redes de relações, sob o enfoque da assim chamada *cracolândia* como uma modalidade de territorialidade itinerante, num contexto multifacetado e assinalado por variações situacionais (2008-2012).

1. Artigo submetido como paper e apresentado durante a Association of Social Anthropologists of the UK and Commonwealth Annual Conference (“Footprints and futures: the time of anthropology”), no painel 49 – “What is the future of the field-site? Multi-sited and digital fieldwork”, coordenado por Tanja Ahlin e Fangfang Li –, University of Durham, 4 a 7/julho/2016. Os comentários da apresentação foram feitos por Razvan Nicolescu (University College London). A participação de Heitor Frúgoli Jr. nessa conferência teve o suporte da Fapesp. Pesquisa desenvolvida desde 2007 pelo Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC-USP), posteriormente com apoio do CNPq (2008-2010) e do Núcleo de Apoio à Pesquisa São Paulo: cidade, espaço, memória (NAPSP-USP, 2012-2016). Agradecimentos a Marina Frúgoli e aos pareceristas da Gis.

Posteriormente, integrou-se um novo projeto – Plataforma São Paulo – que reunia docentes da Universidade de São Paulo. Tal plataforma conduziu este estudo a estabelecer relações entre textos etnográficos, mapas e imagens (provenientes do Google Street View, de 2010 a 2016) da região da Luz, na área central de São Paulo, espaço investigado durante a pesquisa etnográfica. O objetivo deste artigo é avaliar as possibilidades e limites decorrentes dessa relação específica entre uma experiência etnográfica prévia e o uso posterior de mapas e imagens do Google.

INTRODUÇÃO: NOSSA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA

Antes de tudo, é preciso apresentar os principais aspectos de nossa experiência etnográfica, em outras palavras, nossa etnografia face a face, com vistas aos objetivos do presente artigo. Nossas investigações etnográficas buscaram reconstituir diversas redes de relações e conexões situadas no *entremeio* de duas representações relativamente recorrentes sobre a Luz: a de *bairro cultural* (tornada possível pela criação e fortalecimento de diversas instituições culturais pelo Estado desde meados da década de 1980) e a de *cracolândia*, estigma de degradação e criminalidade decorrente da presença, em ruas do bairro, de diversos usuários de crack, entre eles homens, mulheres e meninos em situação de rua, profissionais do sexo etc.

A região da Luz é assinalada por uma densidade urbana e social significativa, o que inclui diversos edifícios e instituições culturais tombadas pelo patrimônio estadual. Tais instituições têm trazido um novo fluxo de integrantes das classes médias e altas para áreas do centro histórico, para fins de consumo cultural (Bourdieu 2007 [1979]; Talhari 2016). Todavia, as residências, ruas e praças da região têm sido ocupadas há décadas pelas classes populares. A Luz abriga um número significativo de cortiços, e o comércio informal, a prostituição e o tráfico e consumo de crack são comuns em muitos espaços públicos da região. Essa estigmatização vem de longa data e se articula a símbolos de marginalidade associados à geografia imaginária da “Boca do Lixo”. Muitos interlocutores da pesquisa referem-se ao uso do crack nas ruas da Luz e arredores desde a década de 1990.

Pode-se também dizer que a polaridade *bairro cultural/cracolândia* dialoga com oposições entre *requalificação* e *deterioração* que perduram, com relação à área central de São Paulo, desde o início dos 1990, embora possam ser pensadas como desdobramentos de oposições anteriores.

Nossas práticas etnográficas concentraram-se, desse modo, em segmentos da população local da Luz – principalmente moradores e comerciantes –, em usuários e frequentadores de suas ruas e de alguns equipamentos públicos, bem como em atores sociais relacionados (muitas

vezes como *mediadores*) mais diretamente à chamada *cracolândia*. É precisamente nesse último contexto que reside o foco do presente artigo.

Ao pesquisarmos esse bairro, foi inevitável empreendermos uma observação mais sistemática do que se convencionou chamar de *cracolândia*, para além de uma série de representações estigmatizantes veiculadas pela mídia, que, de certa forma, atualizam a criminalização da pobreza.

Nossa hipótese é de que a *cracolândia* constituiria uma espécie de territorialidade itinerante (Perlongher 1987; 2005 [1988]), marcada por inúmeros conflitos (Arantes 2000), o que significa situá-la numa certa área urbana, mas sujeita a deslocamentos mais próximos ou mais distantes, a depender do tipo de repressão ou intervenções exercidas, além das dinâmicas de suas próprias relações internas. É nesse sentido que este estudo dialoga, mas também se diferencia daquele realizado por Bourgois (2003; 1997 [1989]), sobre agentes ligados principalmente à venda de crack (*crack dealers*) em certos pontos de El Barrio (Harlem Hispânico, Nova York). Embora nosso trabalho também tenha lidado com pessoas muitas vezes identificadas como população de rua, nosso foco se voltou basicamente aos consumidores da substância, dada inclusive a amplitude do uso que esses fazem das ruas e de outros equipamentos do espaço público, além de suas relações mais visíveis, nas próprias ruas, com outros atores sociais.

Nossa abordagem tem certa proximidade com o conceito de território psicotrópico (Fernandes 1995), cuja “principal característica comunicacional é a interação mínima e que se estrutura como um interstício de tempo e espaço” (Fernandes 2000, 146).² De acordo com esse autor, quando a repressão às drogas se acentua num dado território, há geralmente um movimento para os arredores ou bairros vizinhos, nos quais os atores envolvidos com drogas se diluem por zonas adjacentes e alteram suas estratégias interativas, por meio da exploração de outros interstícios urbanos (Fernandes 1995, 27-28).

Antes de nossas primeiras idas a campo, o perímetro específico da chamada *cracolândia* (definido pela prefeitura e bastante divulgado pela mídia impressa) era justamente a área pentagonal onde se pretendia instalar o projeto municipal Nova Luz.³ Tal delimitação tão rígida revelava estratégias de intervenção urbana voltadas à criação de espaços potencialmente sujeitos a forte valorização imobiliária.

2. Nossa tradução para o português do trecho “...main communicational feature is minimal interaction and which is structured as an interstice of space and time”.

3. Prefeitura do Município de São Paulo, dez./2005.



figura 1

Foto do bairro da Luz (e arredores). Em branco, o perímetro do Projeto Nova Luz (área inicial da “cracolândia”, segundo o governo municipal). Em vermelho, os quarteirões das primeiras demolições. Em amarelo, alguns locais bastante conhecidos na região (instituições culturais, estação de trem e metrô, parque). Em azul, uma rua frequentemente utilizada por usuários de crack durante nosso trabalho de campo. Em azul claro, duas praças nas quais eles também podiam ser encontrados.

Considerando a *cracolândia* como uma modalidade de territorialidade itinerante e um campo de relações, buscamos estabelecer uma *aproximação etnográfica* desse contexto multifacetado e marcado por inúmeras variações situacionais. Contatamos uma série de entidades, ONGs e instituições que têm se pautado por relações diferenciadas com certos atores sociais locais. Dessa forma, a relação estabelecida por cada uma dessas entidades com tal contexto revelou diferentes facetas, como as que enfatizam o atendimento de crianças de rua da região ou das profissionais de sexo, além daquelas que constituem relações com variados atores sob a ótica da redução de danos, sem falar de outras que buscam travar aproximações de caráter religioso com distintos grupos.

Nossas próprias relações etnográficas ocorreram sobretudo por via do contato com agentes da ONG “É de Lei”, cujas ações direcionam-se à redução de danos, especialmente para usuários de crack, por meio de contato direto nas ruas da região da Luz e de um centro de recepção.

Durante o ano de 2007, foi possível estabelecer algumas relações com usuários de crack, embora marcadas por certa transitoriedade, e sobre as quais tentávamos compreender o que era efetivamente possível de

descrever frente a uma grande variedade de situações observadas. Em geral, notava-se que a ação policial fazia com que os usuários deixassem rapidamente as calçadas onde estavam situados, migrando para outro local próximo e, finalmente, em tempos variados, retornando aos pontos prévios de concentração. Alguns seguranças privados também exerciam, em menor extensão, algum tipo de ação na permanência e movimento desses usuários. A maioria deles consome o crack nas calçadas (vários ocultam a prática sob cobertores), embora sejam também usados hotéis e pensões das redondezas, sem falar nos *mocós* (esconderijos) em casas ou edifícios abandonados ou lacrados pelo poder público.

Durante a observação entre esses agentes e os usuários de crack da região, certas mudanças espaciais foram perceptíveis. Na maioria das idas a campo conduzidas pelos agentes da ONG *É de Lei*, a destinação escolhida era a Rua Helvétia, onde havia o maior número de usuários. Isso representava uma leve mudança no foco territorial em relação às rotas anteriores pela região.

Entre os anos de 2007 e 2008, houve um aumento considerável do número de usuários, principalmente na região da Helvétia, como os próprios integrantes da *É de Lei* já tinham adiantado. Nas observações entre setembro e outubro de 2008, houve ocasiões em que chegamos a contar, como já dito, por volta de 200 usuários ao longo dessa rua. Ao mesmo tempo, na Pça. Princesa Isabel, a concentração dos usuários diminuía, quando comparada ao observado no ano anterior.

Nas áreas mais próximas ao pentágono, dentro do qual ocorreram as demolições de 2007, aparentemente, teria havido diminuição de usuários. Mas isso não podia ser afirmado taxativamente. Só para dar um exemplo, quando imaginávamos que havíamos compreendido um pouco mais dessa territorialidade, descobrimos, por intermédio de comerciantes, que, à noite, havia outra concentração expressiva de usuários de crack na confluência entre as R. Guaianazes e dos Gusmões, com forte ocupação noturna de ruas e calçadas, apenas após o comércio local fechar suas portas.

De toda forma, percebeu-se também certa mudança nas dinâmicas de ocupação do espaço pelos usuários de crack, à medida que o tipo de controle policial aumentava significativamente, fazendo com que circulassem muito mais pelas ruas da região – ainda que mantivessem, como observado, certos pontos de concentração. As interações com os usuários tornaram-se assim mais fugazes do que as anteriores.

Durante as interações, mais uma vez uma sucessão de cenas dramáticas ao nosso olhar teve lugar, como uma mulher grávida que consumia crack no chão, pessoas com ferimentos graves ou condições físicas preocupantes, sem falar daquelas que tinham sido encarceradas, além de

dezenas de usuários que fumavam ao mesmo tempo, impedindo qualquer aproximação proveitosa por parte dos agentes de redução de danos.

O quadro configurado até aqui passaria, entretanto, por algumas mudanças a partir da instauração da “Ação Integrada Centro Legal”, ocorrida em meados do ano seguinte (2009) na região da Luz.⁴ De certo modo, retomavam-se certos princípios abrangentes da Operação Limpa (2005), cujo policiamento ostensivo na área perdurou, embora em escalas menores e variáveis, nos anos seguintes, com uma série de intervenções repressivas empreendidas durante a gestão Kassab.⁵ A partir de então, houve certa continuidade de tal ação, conjugando-se a atuação policial com a de outros setores e órgãos públicos. Contudo, a permanência das pessoas relacionadas ao uso de crack e a outras atividades ilícitas na região - embora em constante deslocamento pelas áreas próximas do Centro, mesmo após as inúmeras demolições que se seguiram à Operação Limpa e principalmente à decretação do Projeto Nova Luz (2007) - passou a exigir a elaboração e aplicação de outras formas de intervenção no bairro.

Em conversa em outubro de 2008, percebemos que os agentes da É de Lei vinham notando uma mudança gradativa na forma de o poder público enfrentar a questão da *cracolândia*. O que antes era tratado como problema social, passava a ser reconhecido como *questão de saúde*, embora eles ainda ressaltassem que isso estava longe do ideal, visto a política em curso voltar-se estritamente à internação de usuários e a atuação policial continuar repressora.

Essa nova forma de enfrentamento do *problema cracolândia* emergiria com força em 2009, quando o poder local iniciou um novo processo de intervenção no bairro da Luz e adjacências, por meio da chamada *Ação Integrada Centro Legal* (Corsaletto 2009). Mas é preciso entender que isso se articulava, tal como anteriormente, a fortes interesses na esfera urbana. Em meados do primeiro semestre de 2009, um projeto polêmico de *concessão urbanística* fora aprovado pela Câmara Municipal de São Paulo e sancionado pelo prefeito em 7/5/2009 - com previsão de desapropriação de 18 quarteirões na região do Centro (cerca de 600 imóveis), por meio da participação da iniciativa privada. Ao mesmo tempo, a *cracolândia* passava a ser encarada, nas palavras do prefeito, como “um problema de saúde”.

Tais desdobramentos lançaram novas questões para a compreensão do que procurávamos analisar até então sobre a *cracolândia* como uma

4. Autorizada pelo Ministério Público, contando com ações conjuntas das Polícias Civil e Militar, órgãos de vistoria e atenção à saúde (Folha Online, 22/7/2009).

5. G. Kassab foi vice-prefeito da gestão J. Serra (PSDB -PFL, 2005-2006) e assumiu a Prefeitura de 2006 em diante (passou a integrar o DEM (ex-PFL), a partir de mar./2007); ele reelegeu-se para o período 2009-2012.

territorialidade itinerante, marcada por certa mobilidade e que se relacionava com atores sociais inseridos nas dinâmicas de trabalho, comércio, moradia e lazer em áreas *degradadas*. Assim, se as observações anteriores já permitiam relativizar certos determinismos territoriais sobre um perímetro que fora alvo privilegiado de repressão e investimento do poder público durante a última década, sofrendo inclusive um processo parcial de demolição a partir de 2007, permanecia o desafio de compreender as novas dinâmicas políticas e cotidianas que vinham impactando o contexto pesquisado a partir de 2009.

Embora não tenha sido possível etnografar a região do estudo na época da Operação Limpa (maio/2005), pareceu-nos que aspectos daquela situação, principalmente quanto à dispersão de usuários de crack para outras áreas do Centro, reapareceram, sob novos arranjos, a partir das ações ligadas à *Ação Integrada Centro Legal* (julho/2009 em diante).⁶ Isso ficou claro sobretudo quando a grande imprensa passou a criticar a eficácia dessa última quanto às intenções de erradicação do uso de crack nas ruas da região da Luz, bem como indicar a presença de grupos de usuários em outras áreas do Centro, como Barra Funda, Vale do Anhangabaú ou Praça da República.

Em janeiro de 2012, houve um novo episódio de repressão policial sistemática, envolvendo polícia, bombeiros, helicópteros, centenas de carros, dezenas de motocicletas, cães farejadores e cavalos, baseados na estratégia, como veiculado em várias reportagens de então, de causar *dor e sofrimento* aos usuários, forçando-os a buscar tratamento. Em meados de janeiro, em meio a todas essas controvérsias, foi realizado um ato de protesto contra a violência policial dirigida aos usuários de crack e também contra a ausência de políticas públicas para com a população de rua e dependentes de drogas. Tal ato foi convocado por 43 organizações civis, com a participação de ativistas, usuários de crack, moradores, frequentadores e comerciantes da região e de outras partes da cidade, bem como de jornalistas e fotógrafos.

Antes de avançarmos para a análise das imagens proposta neste artigo, destacamos que as fotos provenientes do sistema *Google Street View*, bem como de outras de fontes jornalísticas, foram selecionadas a partir de questões referentes à nossa pesquisa, realizada desde 2008, e a um contexto mais amplo sobre a região da Luz e da própria cidade de São Paulo.

Os conflitos em torno dos usos dessa região, que serão apresentados em quatro eixos nas próximas páginas, dizem respeito a uma sucessão de eventos que mobilizam diferentes agendas de políticas públicas e áreas do saber, configurando a região para onde convergem e se enfrentam discursos médicos e jurídicos, agendas municipais e estaduais de segurança pública e de enfrentamento ao uso de crack, população em

6. Nossos levantamentos apontam dezenas de matérias a respeito durante julho de 2009.

situação de rua, movimentos sociais, usuários de drogas, traficantes e entidades religiosas, conectando não só diferentes agentes como distintas áreas da cidade (Rui et al 2014; Rui e Mallart 2016).

Apresentamos a seguir um conjunto de eventos que destacam a sucessão de intervenções direcionadas à região nos últimos 10 anos. Esse esquema, contudo, não pretende apresentar tais acontecimentos como episódios estanques, mas busca evidenciar a cronologia desses fatos e a conexão entre essas disputas e tensões que produzem continuamente efeitos sobre as relações e, conseqüentemente, sobre as espacialidades da região da Luz, que serão discutidas a seguir.

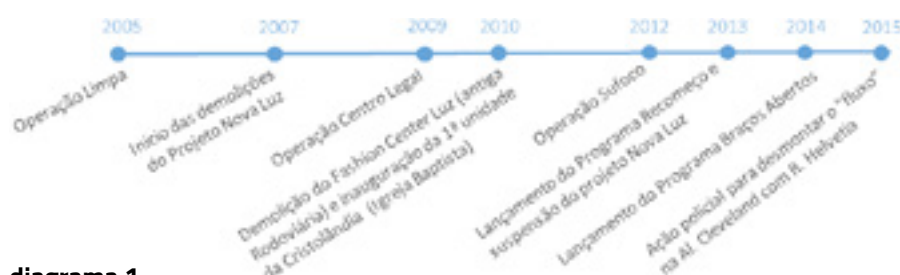


diagrama 1

NOSSA INVESTIGAÇÃO DO GOOGLE STREET VIEW⁷

Como já dito, posteriormente, integramo-nos num novo projeto – Plataforma São Paulo – que reunia docentes alocados na Universidade de São Paulo, dos campos da arquitetura e do urbanismo, antropologia, sociologia, história e geografia – contando com,

duas ordens de questões que marcam, de maneira recorrente, as suas diversas trajetórias. Em primeiro lugar a inquietação intelectual com a cidade, compreendida na sua complexidade” [...] “Em segundo lugar, a presença de uma questão sempre premente sobre como potencializar o acesso e a difusão do conhecimento acumulado, tanto dentro quanto fora dos muros da Universidade.⁸

7. O painel onde esse artigo foi originalmente apresentado (ver a nota 1) revelou-se um espaço interessante de debate. Cobria questionamentos à etnografia (no sentido clássico), advindos da crítica pós-moderna da década de 1990, basicamente levando em conta o modo como os próprios agentes se movem, como motivações diversas, por múltiplos territórios – o que remete à conhecida temática da multilocalização fixada por George Marcus (1988) –, ou então como os próprios sujeitos se valem de tecnologias de comunicação (seja Skype, seja Facebook etc.) que infletem na própria reconstituição etnográfica do contexto da pesquisa.

8. Disponível em <<https://patrimonioculturalnapspp.wordpress.com/2013/06/18/napspp/>>. Acesso em: 30 mar. 2016).

Quanto à nossa participação nesse projeto, a plataforma proposta levou-nos a estabelecer, a partir de 2013, relações entre textos etnográficos, mapas e imagens (provenientes do Google *Street View*, de 2010 a 2016) da região da Luz, na área central de São Paulo, espaço investigado durante a pesquisa etnográfica.

Durante nossas rotas virtuais pela *cracolândia* nessa segunda fase, circulamos virtualmente pela região, elegendo um ponto inicial como uma referência específica para essa nova forma de observação.

Decidimos assim concentrar nossa atenção na intersecção entre a Al. Dino Bueno e a R. Helvétia – de acordo com nosso trabalho de campo, um tipo de espaço simbólico que condensa várias dinâmicas sociais que ocorrem pelas ruas dos arredores. Nesse sentido, esse lugar poderia ser visto como uma espécie de epicentro de encontro entre usuários de crack, residentes e agentes de igrejas e do Estado (presente na ação da polícia, nos trabalhos de demolição e nas instituições de bem-estar social).

Coincidentemente, na mesma época, o Google *Street View* começara a disponibilizar não apenas imagens da região, mas também a oferecê-las numa ordem cronológica. No início, uma nova imagem substituía a anterior, mas, a certa altura, tais imagens começaram a ficar disponíveis em sequência: janeiro de 2010, fevereiro de 2011, março, julho e dezembro de 2014, e maio de 2016. Isso nos permitiu coletar não apenas imagens urbanas subsequentes ao nosso trabalho de campo, mas também averiguar novos usos do espaço ao longo dos anos seguintes.

Basicamente, essa nova abordagem da região permitiu-nos explorar relações entre os seguintes tópicos (estabelecidos originalmente pela pesquisa etnográfica):

I – USOS E DESLOCAMENTOS NAS RUAS, LIGADOS À ITINERÂNCIA DE USUÁRIOS DE CRACK

Temos aqui uma sequência de imagens num breve intervalo temporal, com a possibilidade de captarmos certas sincronicidades entre elas. Tais sincronicidades permitem captar visualmente uma modalidade da já citada territorialidade itinerante. É importante que o leitor busque relacionar sequencialmente as três imagens abaixo, já que compõem uma narrativa que só se explicita claramente ao final e que se relaciona com práticas espaciais diversas vezes observadas durante nossa etnografia.



imagem 1 (fev. 2011)

Al. Dino Bueno com R. Helvétia: usuários se concentram na Helvétia (à direita), enquanto se constata a presença da Polícia Militar, em ação, na Dino Bueno (à esquerda).



imagem 2 (fev. 2011)

Esta imagem é uma sequência da anterior. Nela, nota-se que os usuários se deslocaram para a Dino Bueno, dada a presença da PM, dessa vez, na Helvétia (trata-se da viatura mais ao fundo e à direita da Helvétia. Isso pode ser confirmado com a imagem seguinte.



imagem 3 (fev. 2011)

Nesse novo enquadramento, nota-se a presença de oficiais realizando uma abordagem policial, em meio a restos de lixo, com a baixa presença de usuários de crack, que podem ser vistos – avançando-se a imagem em direção reta (no sentido da própria Helvétia, e dobrando à direita na Dino Bueno) – ocupando as ruas e calçadas como mostra a imagem 2.

II – PROCESSOS DE INTERVENÇÕES URBANÍSTICAS E DEMOLIÇÕES

Temos aqui uma sequência de imagens ao longo de anos, com uma abordagem, portanto, diacrônica, com ênfase na proliferação de espaços demolidos, fechados e interditados por parte do poder público, os quais incentivam a permanência de usuários de crack, população de rua e, por conseguinte, de agentes que prestam diversas formas de atendimento.

As quatro primeiras imagens captam o mesmo ponto na Al. Dino Bueno, na altura da Praça Júlio Prestes:



imagem 4 (jan. 2010)

O prédio acima à esquerda já foi o principal terminal rodoviário de São Paulo. Depois, transformou-se num shopping atacadista têxtil (Fashion Center Luz), com comerciantes predominantemente coreanos. Na época dessa imagem, já havia sido interditado, para futura demolição, devido ao projeto de construção no local de um centro cultural. Nota-se a presença de possíveis usuários de crack e de *homens de rua* sentados à frente da antiga entrada do shopping.



imagem 5 (fev. 2011)

Essa é a primeira imagem que retrata a demolição desse quarteirão. Mais adiante, na calçada oposta à quadra demolida (à direita da imagem), vê-se um grupo de usuários de crack.



imagem 6 (mar. 2014)

O entorno imediato da quadra demolida já não apresenta mais a presença de usuários e, mais ao fundo da imagem, na margem da quadra demolida, nota-se a construção da estrutura física que abrigaria o projeto Recomeço (ligado ao governo estadual,⁹ voltado a usuários de crack, baseado em hospitalização para tratamento; ver Diagrama 1).

Nesse mesmo dia, no cruzamento da Al. Dino Bueno e R. Helvétia, é possível captar imagens de uma grande quantidade de funcionários do serviço de limpeza (varredores e caminhão de água limpando a rua), agentes policiais, profissionais do projeto Recomeço, além da ausência de concentração de usuários, que estão no final da Helvétia com a R. Cleveland.



imagem 7 (dez. 2014)

Essa imagem de dezembro de 2014 dá uma dimensão mais clara do tamanho das duas áreas demolidas na região da *cracolândia* – tanto a área do antigo terminal rodoviário (citado na imagem 4), como a quadra em frente à Praça Julio Prestes, delimitada pelas ruas Helvétia, Cleveland e Al. Dino Bueno, que passou a concentrar uma grande quantidade de usuários de crack.

9. Durante a gestão Geraldo Alckmin (PSDB, de 2011 até o presente).



imagem 8

(no sentido horário, dez. 2013, jan. 2014, out. 2014 e set. 2010)¹⁰

Trata-se de um compilado de imagens obtidas de outras formas que não o Google Street View, em que surge o que veio a ser chamado de *favelinha*, com a predominância de usuários de crack, o que se formou no entorno a essa quadra demolida, com diversos arranjos espaciais (com exceção da imagem abaixo à esquerda, que mostra uma aglomeração de pessoas dentro da própria quadra, antes de esta ser cercada). Na foto abaixo à direita, é possível ver a ocupação interna da quadra para jogos de futebol amador.

10. Acima à esquerda: Montero, André. 17/12/2013. Governo de SP pressiona Prefeitura para fechar 'hotéis do crack'. *Folha de S.Paulo*, São Paulo (Moacyr Lopes Jr., Folhapress), Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/12/1386589-governo-de-sp-pressiona-prefeitura-para-fechar-hoteis-do-crack.shtml>>. Acesso em: 1º out. 2016. Acima à direita: Veja. 15/1/2014. Prefeitura começa a desmontar favela na Cracolândia (Adriano Lima/Brazil Photo Press/Folhapress/VEJA). Disponível em <<http://veja.abril.com.br/politica/prefeitura-comeca-desmontar-favela-na-cracolandia/>>. Acesso em: 1º out. 2016. Abaixo à esquerda: Trindade, Eliane; Pagnan, Rogério. 14/9/2010. Obra parada da Nova Luz, em SP, vira abrigo para centenas de usuários de crack. *Folha de S.Paulo*, São Paulo (Danilo Verpa, Folhapress). Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2010/09/798513-obra-parada-da-nova-luz-em-sp-vira-abrigo-para-centenas-de-usuarios-de-crack.shtml>>. Acesso em: 1º out. 2016. Abaixo à direita: Nogueira, Pedro Ribeiro. 8/10/2014. Nova Luz expõe vazio de políticas urbanas pensadas de cima para baixo. *Portal Aprendiz*, São Paulo (Comitê Popular da Copa, reprodução), Disponível em <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2014/10/08/nova-luz-expoe-e-vazio-de-politicas-urbanas-pensadas-de-cima-para-baixo/>>. Acesso em: 1º out. 2016.

III – PRESENCAS E PRÁTICAS POPULARES DO ESPAÇO

Embora esse tema permita uma abordagem diacrônica, já que a presença popular nessa região é de longa data, focaremos tal aspecto, neste artigo, numa perspectiva sincrônica, com base nas imagens disponíveis no *Google Street View*.



imagem 9 (fev. 2011)

Essa imagem da Al. Dino Bueno, próxima à esquina com a R. Helvética, é do mesmo dia das imagens 1, 2 e 3. Nela, nota-se a presença de pessoas jogando cartas, outras andando nas ruas, um salão de cabelereiro, uma loja de móveis usados, um carroceiro, cachorros e uma mulher com um carrinho de bebê: uma cena relativamente corrente de um bairro de perfil popular e residencial (à esquerda, temos inclusive um ônibus estacionado, ligado à rede de transporte coletivo informal, dada a memória popular de transportes da área, mesmo após o final do terminal rodoviário da região, muitos anos atrás).



imagem 10 (fev. 2011)

Temos aqui uma variação de 45° na observação da mesma cena. A presença do crack e a tensão trazida pela presença policial não se dissipam: na calçada em frente à enfocada na imagem anterior (à direita da presente imagem), nota-se a presença de uma viatura policial e agentes realizando uma revista de três pessoas, em frente a uma casa que havia sido interdita, mas que era ocupada por usuários de crack para um consumo menos exposto da substância. Obs.: à esquerda dessa imagem, vemos a mesma mulher com o carrinho de bebê da imagem 9.

IV – DIVERSAS AÇÕES DO ESTADO, DE NATUREZAS E ESCOPOS DISTINTOS

É importante uma breve contextualização das imagens a seguir. Elas captam uma concentração espacial de usuários de crack que veio a ser chamada de *fluxo* (na confluência entre a Al. Cleveland e a R. Helvétia): apesar de sua fixação espacial, teve esse nome, entre outros fatores, por se tratar de um espaço de convergência cotidiana de um grande número de pessoas.

Já vimos que, a partir da anteriormente mencionada demolição do shopping atacadista, formou-se uma espécie de *favela* nas calçadas desertificadas de seu entorno (ver imagens 8). No início de 2014, por sua vez, a prefeitura criou um novo programa de atendimento aos usuários de crack, chamado *De Braços Abertos*,¹¹ baseado na redução de danos e sem uma perspectiva repressiva (ver o Diagrama 1).



imagens 11 e 11a (jan. 2010)

Nesse período, o cruzamento da R. Helvétia e Al. Cleveland ainda não concentra usuários de crack, e a região apresenta seus usos anteriores: um ponto de ônibus, transeuntes, moradores e lojas comerciais no térreo de dois prédios residenciais.

11. Durante a gestão Fernando Haddad (PT, 2013-2016).

Em suma, a existência a partir de então de dois programas de atendimento (o já citado *Recomeço*, do governo estadual, e o *De Braços Abertos*, do governo municipal) fez com que a já citada *favelinha* se concentrasse, a partir de então, num espaço adjacente aos equipamentos desses programas (próximos entre si), com uma nova fase de controle policial, não mais marcado por movimentações constantes, mas concentrado na vigília do chamado *fluxo*.



imagens 12 e12a (mar. 2014)

Nos registros do *Google Street View*, há um lapso de três anos entre o registro anterior (imagens 11 e 11a) e os presentes (março de 2014). Nessas imagens, nota-se a ausência dos dois antigos edifícios residenciais (ver imagens 11 e 11a), já demolidos, com a ampliação de uma área que passa a ser ocupada crescentemente por usuários de crack da região, mas ainda sem o adensamento que seria visto meses depois.



imagens 13 e 13a (jul. 2014)

Nessas imagens, quatro meses depois, nota-se o adensamento da ocupação desse espaço com a chegada de mais usuários de crack, bem como a instalação de uma pequena “favela” dentro desse terreno (com casas e barracas feitas com restos de plástico, madeira e toda a sorte de materiais). Além disso, observa-se à esquerda (13) a instalação de uma ciclovia que integra o plano de mobilidade municipal. Na foto 13a, nota-se também o mesmo espaço visto de outro ponto da rua, em que surgem outros elementos importantes para entender esse contexto: transeuntes, ciclistas, muitas carroças, um micro-ônibus da Guarda Civil Metropolitana (ligada à Prefeitura) com os dizeres do projeto “Crack, é possível vencer”, além de cones e fitas delimitando a área destinada ao consumo de crack, que ficou conhecida, como já dito, como fluxo.



imagens 14 e 14a (dez. 2014)

São imagens obtidas cinco meses mais tarde e apenas atestam a continuidade das dinâmicas já apresentadas. Não há diferenças substanciais com relação às imagens 13 e 13a.

Para finalizar essa parte, é importante frisar que o desalojamento do chamado *fluxo*, em maio de 2015, foi bastante conflituoso e violento. As duas matérias da Folha de S.Paulo¹² possuem imagens dos dias de retirada das barracas por meio da ação policial, e uma delas aborda a itinerância da *favelinha*.¹³

12. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/05/1626034-usuarios-entram-em-confronto-com-guardas-civis-na-cracolandia-em-sp.shtml>> e <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/05/1625271-fluxo-da-cracolandia-mudou-tres-vezes-de-lugar-desde-a-acao-da-prefeitura.shtml>>. Acesso em: 30 mar 2016.

13. Caso houvesse mais espaço, aqui também poderíamos recorrer, alternativamente, às imagens disponibilizadas pela imprensa, tal como no caso da abordagem das imagens nº 8.

Infelizmente, não houve novas captações do Google *Street View* por 17 meses (as penúltimas datam de dez./2014, como mostram as imagens 14 e 14A), um aspecto metodológico que fará parte de nossos comentários finais, a seguir. A última imagem disponível no Google (maio 2016) já exhibe, por outro lado, certas mudanças urbanísticas, bem como novos usos do espaço.



Imagem 15 (maio 2016)

CONSIDERAÇÕES SOBRE POTENCIALIDADES E LIMITES DA UTILIZAÇÃO DO GOOGLE *STREET VIEW*

POTENCIALIDADES

A etnografia virtual desta pesquisa, mais precisamente o uso de um conjunto de imagens do *Google Street View* (GSV), mediado pelo conhecimento previamente construído pela etnografia *face a face*, mostra-se uma ferramenta proveitosa, pois ajuda a adensar o mapeamento de uma área circunscrita da cidade, uma vez que:

- a. *Alarga o tempo instantâneo da observação etnográfica tradicional.* A partir de 2010, o *Google Street View* passou, a nosso ver, a ampliar suas possibilidades investigativas, ao dispor cronologicamente as fotos do seu banco de dados. Assim, tornou-se possível observar o mesmo trecho de rua, praça ou cruzamento de ruas da cidade ao longo do tempo, a depender dos registros feitos pela empresa, que variam bastante entre bairros e dentro da mesma região. No nosso caso, a oportunidade de comparar momentos diferentes da mesma rua, de certa forma, dilatou o tempo da observação etnográfica, por conta do acesso a momentos posteriores ao encerramento da pesquisa *face a face*. Desse modo, isso permite o acompanhamento, mesmo que distanciado, de continuidades e mudanças dos fenômenos observados etnograficamente, como as dinâmicas da presença policial e aspectos da territorialidade itinerante, com base nos movimentos dos usuários pelas ruas e calçadas; novos usos de propriedades antes interditas (prédios interditados que viraram hotéis ou a

reforma de antigos hotéis); chegada de novas instituições de atendimento aos usuários de crack em áreas antes demolidas (*De Braços Abertos e Recomeço*); a dinâmica de instalação de novos equipamentos urbanos.

De toda forma, a perspectiva aqui proposta de uma abordagem diacrônica de imagens, combinada com olhares também sincrônicos,¹⁴ deve buscar dialogar com o conjunto de estudos que se acumulam sobre essa região, cujos enfoques também oferecem, explícita ou implicitamente, uma dada narrativa imagética.

- b. *Permite o mapeamento de regiões que possam oferecer algum tipo de dificuldade momentânea de acesso ao pesquisador, tais como falta de acessibilidade ou mobilidade, falta de segurança, distância geográfica, entre outros aspectos, podendo ser proveitosa para outros contextos de pesquisa (p. ex., quando não é viável manter visitas regulares ao local de pesquisa).*
- c. *Sistematiza, visualmente, a recorrência de fenômenos relatados etnograficamente, como a territorialidade itinerante, as demolições de edifícios e casas e as intervenções policiais. Confere espacialidade visual ao relato, sem se resumir a uma mera ilustração.*
- d. *Embora as imagens sejam feitas por câmeras acopladas a um carro que se desloca pelas ruas, esses registros guardam em parte características de deslocamento do antropólogo a pé pela cidade. Não se trata de um registro aéreo, de cima para baixo, ou seja, distante das dinâmicas do nível da rua, dos transeuntes, dos obstáculos e imprevistos da própria cidade; talvez por isso apresente, hipoteticamente, certa consonância com o olhar etnográfico.*

Claro que devemos atentar ao fato de que a vista do Google *Street View* é obtida geralmente (mas não exclusivamente) por meio de um veículo – o que, a princípio, não coincidiria com a vista de um pedestre. Todavia, tampouco se pode dizer que isso se assemelha a um olhar captado usualmente por um motorista, já que envolve câmeras, scanners e um receptor GPS centralizados por um computador que permite captar, processar e dispor, ao final, uma tridimensionalidade.¹⁵ Escapa aos nossos objetivos um aprofundamento sobre essa dimensão, cabendo futuramente pensar em como aproximá-la criticamente daquilo que um olhar corporalmente situado poderia realizar.¹⁶

14. E que, diga-se de paisagem, sempre prioriza a observação etnográfica interativa como prática predominante.

15. Ver detalhes em <<https://www.google.com/streetview/>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

16. Uma pista muito inicial seria imaginar a produção híbrida de tais imagens, na linha proposta por Latour (1994).

LIMITES

- a. *Tal etnografia remota não substitui vários fatores da etnografia tradicional:* embora a etnografia virtual proporcione as potencialidades acima listadas, ela por si só não permite ao investigador, evidentemente, acessar as especificidades da dinâmica urbana. A observação das ruas por meio do banco de imagens do Google *Street View* só adquire densidade de sentido se for precedida ou simultânea à própria etnografia presencial. A observação etnográfica, ou a observação participante, investiga e acessa o componente relacional de um dado cenário (componente tão caro à Antropologia), algo que o mapeamento de imagens por si próprio não é capaz de oferecer. Não teríamos chegado aos quatro itens acima expostos por meio de uma incursão unicamente virtual à região pesquisada; tampouco recorrendo a dados secundários, que não reúnem as histórias, expectativas, contradições e estratégias das pessoas que ali vivem, circulam e trabalham.

- b. *Limites éticos do uso da imagem não autorizada captadas pelo GSV e o risco da espetacularização da miséria.* Durante a pesquisa coletiva desenvolvida pelo GEAC, optamos por não fazer registros fotográficos que incluíssem os usuários de crack, por considerarmos uma relação (naquele contexto) marcadamente desigual e com grande possibilidade de adquirir um tom sensacionalista e espetaculoso da miséria. A *cracolândia* fica localizada em uma região da cidade desvalorizada simbólica e economicamente, o que não a torna, em geral, uma região turística ou mesmo tida como segura, embora possua ao redor uma série de instituições culturais importantes. É comum que a concentração de usuários de crack ultrapasse uma centena de pessoas, resultando em cenas de grande vulnerabilidade social. Retratar esse contexto de miséria, uma região evitada por aqueles que ali não moram ou circulam habitualmente, sempre nos pareceu uma postura sensível e próxima da linguagem apelativa e desumanizadora de uma série de investidas jornalísticas à época. A base de dados do Google *Street View* tem como política desfocar o rosto das pessoas, pretensamente impedindo sua identificação e, ademais, as fotos não registram as pessoas à curta distância; contudo, essas características dos registros utilizados não resolvem inteiramente as questões éticas inicialmente levantadas, uma vez que o risco da espetacularização permanece. Entendemos, entretanto, que o uso dessas imagens mediado e precedido pela etnografia *face a face* confere a elas um lugar mais controlado no relato e mais atento às dinâmicas resultantes do encontro entre pessoas, forças policiais, espaço urbano e crack, e não unicamente a imagem dos usuários de crack isolados das relações em que estão inseridos.

- c. *Limites técnicos*: usar uma base de dados como essa apresenta limites técnicos difíceis de serem contornados, uma vez que a possibilidade do registro das imagens, bem como sua frequência, está sujeita aos interesses da própria empresa. Ademais, essa captação de imagens não é realizada de maneira igual em toda cidade, tampouco no mesmo bairro, dificultando ou mesmo inviabilizando certas continuidades. No nosso caso, a interrupção da captação de imagens entre dezembro de 2014 e maio de 2016 representa um obstáculo à visualização de cenas urbanas posteriores certamente importantes à pesquisa. Isso suscita inclusive uma reflexão sobre a política de captação de imagens da Google, o que pode levar a uma futura tentativa de entrevista com os responsáveis, caso isso seja viável, bem como a uma reflexão sobre outras formas de captação de imagens alternativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora não se pretenda fazer, nesta conclusão, nenhum balanço exaustivo, pode-se, de todo modo, dizer que, evidentemente, temos na Antropologia várias obras assinaladas por usos significativos de recursos imagéticos, como no caso do clássico *Os Nuer* (Evans-Pritchard 1978 [1940]), que se vale de um conjunto denso de fotos, desenhos, mapas e diagramas (com forte papel de figuras geométricas), ou de *Tristes Trópicos* (Lévi-Strauss 1996 [1955]), que recorre a fotos, mapas e a uma série de desenhos (alguns feitos por indígenas).¹⁷

No Brasil, apesar de um desenvolvimento significativo da antropologia visual,¹⁸ talvez se possa dizer que abordagens na área da antropologia da cidade que lidam a imagem ainda são relativamente pontuais, embora com sendas profícuas e que inspiram desdobramentos. Poder-se-ia citar como forte referência a obra coletiva *Quando a rua vira casa* (Mello et al 1985), marcada pela forte combinação de desenhos, mapas e fotos, numa combinação entre enfoques antropológico e arquitetônico sobre o Catumbi e a Selva de Pedra, no Rio de Janeiro, ou o experimento multidisciplinar que resultou na *Expedição São Paulo 450 anos* (Magnani et al 2004), que, por meio de fotos, mapas (incluindo imagens de satélite) e um vídeo-documentário adicional, buscou registrar um levantamento de dados, coletados em múltiplos espaços, durante uma semana (11 a

17. Sobre ambas as obras, ver Geertz (2002 [1998]); para uma análise de múltiplas linguagens nas análises do social, ver Becker (2009); para uma abordagem recente sobre “Tristes trópicos”, ver Wilcken (2011); quanto a uma obra posterior que retoma e amplia imagens de São Paulo dos anos 1930, ver Lévi-Strauss (1996); por fim, para uma abordagem sobre o pioneirismo das obras visuais de Margaret Mead e Gregory Bateson, ver Samain (2004).

18. Para um balanço sistemático até 2010, ver Caiuby Novaes (2010).

18/1/2004), para o que então comporia o acervo inicial do Museu da Cidade de São Paulo.

Caberia ainda registrar o livro *Paisagens paulistanas* (Arantes 2000a), que combina enfoques etnográficos e memorialistas sobre a cidade de São Paulo, obra na qual fotos e desenhos desempenham um importante papel argumentativo sobre os espaços públicos, ou *O tempo nas ruas na São Paulo de fins do Império* (Frehse 2005), no qual a autora realiza uma etnografia do passado urbano paulistano, por meio da análise de fotos, mapas e charges de jornais do séc. XIX, com ênfase em sua área central. Nessa seara, a contribuição mais explícita quanto a um diálogo sistemático entre as antropologias urbana e da imagem vem do trabalho de Eckert e Rocha (2013), sobretudo pela contribuição em diversas abordagens fílmicas sobre a cidade.

A contribuição do presente artigo se volta a uma senda, quem sabe promissora, voltada a um novo campo em que as imagens disponíveis – no presente estudo, desde 2010 – não são produzidas pelo próprio(a) antropólogo(a) ou por fotógrafos(as), mas por um processo tecnológico, cuja disponibilidade pública já exigiria ao menos algum acompanhamento crítico.

Mais do que isso, buscamos avançar numa utilização aprofundada, articulada à própria prática etnográfica prévia – embora outros estudos possam rearranjar temporalmente tal relação –, o que permite acessar imagens que, no caso da antropologia da cidade, auxiliam no desvendamento de relações entre cidadãos e destes com a cidade em sua materialidade física (Arantes 1996; Magnani 2002; Frúgoli Jr. 2007).

Trata-se de uma dimensão visível, sobretudo nas ruas, espaço elementar de urbanidade, como buscamos mostrar neste texto, com ênfase em agentes marcados pela vulnerabilidade, em suas práticas espaciais e conflitos de várias ordens, num contexto urbano caracterizado por uma confluência de intervenções – nas edificações e equipamentos, nos atendimentos de saúde e nas práticas repressivas.

texto recebido

01.10.2016

texto aprovado

17.01.2017



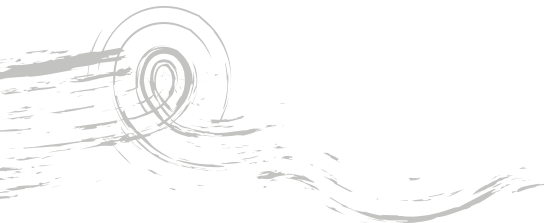
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arantes, Antônio A. 2000. A guerra de lugares. In: Arantes, Antônio A. 2000. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*, 105-129. Campinas: Ed. Unicamp.

_____. 2000a. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas: Ed. Unicamp.

- Becker, Howard S. 2009. *Falando da sociedade*: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bourdieu, Pierre. 2007 [1979]. *A distinção*: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk.
- Bourgois, Philippe. 1997. Homeless in el barrio [1989]. In: Bourdieu, Pierre (ed.). *A miséria do mundo*, 203-214. Petrópolis: Vozes.
- _____. 2003. *In search for respect*: selling crack in El Barrio. Cambridge: Cambridge University Press.
- Caiuby Novaes, Sylvia. 2010. O Brasil em imagens: caminhos que antecedem e marcam a antropologia visual no Brasil. In: Martins, Carlos B.; Duarte, Luiz Fernando D. (eds.) *Horizontes das ciências sociais no Brasil*: antropologia, 457-487. São Paulo: Anpocs.
- Certeau, Michel de. 1994 [1980]. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes.
- Corsaletes, Conrado. 23/7/2009. Ação na cracolândia prende 5 e atende 41. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, C8.
- Eckert, Cornelia; Rocha, Ana L. C. 2013. *Antropologia da e na cidade*: interpretações sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marcavisual.
- Evans-Pritchard, E. E. 1978 [1940]. *Os Nuer*: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva.
- Fernandes, Luís. 1995. O sítio das drogas: etnografia urbana dos territórios psicotrópicos. *Toxicodependências*, vol. 1, n° 2: 22-31, Disponível em <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56439/2/39361.pdf>>.
- _____. 2000. Social peripheries and drugs: an ethnographic study in psychotropic territories. In: Greenwood, Gloria; Robertson, Kathy (eds.). *Understanding and responding to drug use*: the role of qualitative research, 143-148. Lisbon: European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction. Disponível em <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/22929/2/66008.pdf>>.
- Folha Online. 22/7/2009. Ação contra crime na cracolândia em São Paulo prende nove. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u598685.shtml>>. Acesso em: 1º out. 2016.
- Frehse, Fraya. 2005. *O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império*. São Paulo: Edusp.
- Frúgoli Jr., Heitor. 2007. *Sociabilidade urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- _____. 2008. Abordagens etnográficas sobre o bairro da Luz (São Paulo): gentrification em questão na antropologia. *Projeto de pesquisa para o Edital MCT/CNPq 14/2008 – Universal*.
- Frúgoli Jr., Heitor; Sklair, Jessica. 2008. The Luz district in São Paulo: anthropological questions on the phenomenon of gentrification. *Paper para o IX Congresso Internacional da BRASA (Brazilian Studies Association)*, New Orleans, Tulane University.
- Frúgoli Jr., Heitor; Spaggiari, Enrico. 2010. Da cracolândia aos noias: percursos etnográficos no bairro da Luz. *Ponto Urbe*, ano 4, versão 6.0, Disponível em <<http://pontourbe.revues.org/1870>>.
- Geertz, Clifford. 2002 [1988]. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.
- Latour, Bruno. 1994. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Ed. 34.
- Levi-Strauss, Claude. 1996 [1955]. *Tristes trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras.
- _____. 1996. *Saudades de São Paulo*. São Paulo: Cia. das Letras/Instituto Moreira Sales.
- Magnani, José G. C. 2002. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 49, vol. 17: 11-29, Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>>.
- Magnani, José G. C. et al. 2004. *Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Instituto Florestan Fernandes.
- Marcus, George. 1998. *Ethnography through thick and thin*. Princeton: Princeton University Press.
- Mello, Marcos A. S.; Santos, Carlos N. F.; Vogel, Arno. 1985. *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. Rio de Janeiro: Finep/Ibam, 3ª ed.
- Peirano, Mariza. 2005. A guide to anthropology in Brazil. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, vol. 2, nº 1/2: 54-87. Disponível em <http://www.vibrant.org.br/downloads/v2n1_agab.pdf>.
- Perlongher, Néstor. 2005 [1988]. Territórios marginais. In: Green, James N.; Trindade, Ronaldo (eds.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*, 263-290, São Paulo: Ed. Unesp.



_____. 1987. *O negócio do michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 2ª ed..

Prefeitura do Município de São Paulo. 2005. *Nova Luz* (Lei 14.096 de 12/8/2005). São Paulo.

Rui, Taniele; et al. 11/2/2014. 'Braços Abertos' e 'Sufoco': sobre a situação na 'Cracolândia'. *Carta Maior*, São Paulo. Disponível em <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/Bracos-Abertos-e-Sufoco-sobre-a-situacao-na-Cracolandia-/5/30235>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

Rui, Taniele; Mallart, Fábio. 1/10/2015. A Cracolândia, um potente conector urbano. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo. Disponível em <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1963>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

Samain, Etienne. 2004. Balinese character (re)visitado: uma introdução à obra visual de Gregory Bateson e Margaret Mead in André Alves. *Os argonautas do mangue*, 17-72, Campinas/São Paulo: Ed. Unicamp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Talhari, Julio C. 2016. Arte e interação social na Pinacoteca do Estado. *Proa. Revista de Antropologia e Arte* n° 6, 74-89. Disponível em <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/2651/2066>>.

Wilcken, Patrick. 2011. *Claude Lévi-Strauss: o poeta no laboratório*. Rio de Janeiro: Objetiva.

HEITOR FRÚGOLI JUNIOR

Heitor Frúgoli Jr. é professor do Departamento de Antropologia da FFLCH-USP e coordenador do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC-USP). Foi professor convidado da Universidade de Leiden e da EHESS (Paris). É autor, entre outros, de *Centralidade em São Paulo* (2000) e *Sociabilidade urbana* (2007).

BIANCA BARBOSA CHIZZOLINI

Mestre em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo e integrante do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC-USP).